



UNIVERSIDAD DE ORIENTE
Facultad de Construcciones



**RESTAURAÇÃO VIRTUAL:
REGISTRANDO A MEMÓRIA E DIVULGANDO O PATRIMÔNIO**

Hélio Takashi Maciel de Farias* y Angela Lúcia de Araújo Ferreira**

RESUMO

Leis específicas e órgãos administrativos encarregados de conservar o patrimônio arquitetônico nem sempre são suficientes para impedir que edificações (mesmo as legalmente tombadas) sofram sucessivas modificações decorrentes de usos inadequados, fazendo com que se percam suas características originais. É este o caso do prédio do Grande Hotel de Natal, ícone da transição para o modernismo arquitetônico e de eventos culturais e políticos ocorridos em décadas passadas na capital do Estado do Rio Grande do Norte, no Brasil, localizado no bairro central da Ribeira, antigo centro comercial da cidade. Na intenção de fazer ressurgir na consciência dos cidadãos a importância desse patrimônio esquecido e de tal forma contribuir para que lhe seja conferido um uso mais apropriado foi realizada uma restauração virtual de seus aspectos internos e externos, associada a um levantamento histórico da trajetória do edifício – sua fase de projeto, seu auge como principal hotel da cidade, sua decadência e por fim a transformação do uso (hoje abriga um órgão da Justiça Estadual). Neste trabalho, apresentamos o processo de restauração (a coleta de dados, a construção do modelo virtual, a organização de uma visita virtual interativa); discutimos as possibilidades que essa ferramenta oferece para o registro das características do patrimônio material e para a divulgação desse patrimônio; e procuramos apontar as vantagens que oferece, assim como as limitações e os pontos controversos que fazem parte do processo de restauração virtual.

Palavras chave: Restauração virtual, .divulgando o patrimônio

* Arquiteto e Urbanista, Mestrando Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN. Rua Jerônimo de Albuquerque, 3621. Natal-RN. Brasil. CEP: 29064-650
E-mail: solar@digizap.com.br

** Professora do Depto de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN. Av. Praia de Genipabu 2100, Bloco Trindade, Ap. 1202. Natal – RN. Brasil. CEP: 59094-010.
E-mail: angela.ferreira@pesquisador.cnpq.br

RESTAURAÇÃO VIRTUAL: REGISTRANDO A MEMÓRIA E DIVULGANDO O PATRIMÔNIO

Considerações Iniciais

Os signos que recobrem a paisagem da cidade, em especial dos grandes centros urbanos, inundam o observador de informações: instruem condutas, suscitam emoções, anunciam serviços, contam histórias. É necessário, no entanto, a fim de compreender esses símbolos, que se conheça seus respectivos códigos e significados. A compreensão da linguagem da arquitetura, de suas formas, materiais, adornos, cores, espaços, e de como esses elementos se combinam no prédio em si e em um conjunto de edificações pode trazer, uma compreensão, entre outros aspectos, da dimensão temporal da cidade.

Mais do que isso, acreditamos que a divulgação de um exemplar arquitetônico e a exposição de sua história e significados à população da cidade pode auxiliar na construção identitária do espaço onde esses cidadãos habitam e trabalham, e por onde transitam. Especificamente, voltamos nossa atenção para o prédio do Grande Hotel de Natal, situado no bairro da Ribeira, antigo centro comercial da cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte (Brasil).

Escolhemos esse edifício por uma série de motivos: primeiramente, por ter sido projetado como parte do Plano Geral de Obras realizado pelo Escritório Saturnino de Brito para a cidade de Natal, em 1935, plano de intervenção urbana e saneamento que foi central para os estudos realizados pelo grupo de pesquisa HCURB¹ entre 1998 e 2004. Outra razão foi a posição de destaque ocupada pelo hotel em diferentes aspectos da história de Natal: como exemplar da transição para o modernismo arquitetônico; como ponto de encontro social durante a Segunda Guerra Mundial; como local de algumas das mais importantes reuniões políticas realizadas no Estado no período que sucedeu a guerra até o golpe militar de 1964; como espécime de um modelo hoteleiro tornado obsoleto pelas mudanças na dinâmica do turismo.

Não menos importante foi sua localização em um bairro central que passou por um processo de decadência em sua importância econômica e social, e hoje é alvo de projetos de “revitalização”, entre outras intervenções urbanas. O escolhemos, por fim, porque, a despeito de todos os fatos aqui mencionados, o Grande Hotel parece estar praticamente ausente da memória coletiva, ou do imaginário, dos cidadãos de Natal².

¹ O grupo de estudos História da Cidade e do Urbanismo (HCURB), coordenado pela professora Angela Lucia de Araújo Ferreira e vinculado à Base de Pesquisa “Estudos do *Habitat*”, do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, encontra-se em atividade desde 1997 e conta com um vasto acervo de dados digitais e bibliográficos, numerosos artigos publicados em revistas e congressos regionais, nacionais e internacionais, e uma crescente equipe de pesquisadores e bolsistas de iniciação científica.

² Cabe notar aqui que não foi objetivo deste trabalho procurar justificativas ou mesmo realizar experimentos para constatar cientificamente esse “esquecimento”: nós afirmamos que isso ocorre com base em nossa própria experiência como habitantes de Natal e freqüentadores ocasionais do bairro da Ribeira, e na ausência do Hotel nos roteiros turísticos e culturais da cidade.

Dessa forma, cientes da necessidade de divulgar esse patrimônio – tombado, aliás, a nível estadual pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desde 1991, mas que, como constatamos, sofreu diversas alterações desde então –, assim como das dificuldades de atingir, a partir da universidade, a população em geral, buscamos alternativas que pudessem se mostrar atraentes para o público não especializado, e ainda assim contribuir cientificamente para o debate acerca dos temas envolvidos.

A solução encontrada foi o desenvolvimento, aliado ao levantamento histórico mais tradicional, de uma restauração virtual do Grande Hotel de Natal: utilizando as ferramentas da computação gráfica, nos propusemos a reconstruir o aspecto interno e externo da edificação em seus primeiros anos de funcionamento, e organizar uma visita virtual interativa aos cômodos originais do edifício.

Apresentamos e discutimos, a seguir, alguns aspectos da história do hotel e sua posição na cidade, e em seguida fazemos algumas considerações sobre o processo de restauração e seus resultados.

O Grande Hotel na cidade

O bairro da Ribeira é, junto à Cidade Alta, um dos dois bairros originais da cidade de Natal. Durante a maior parte do século XIX e a primeira metade do XX, foi o centro econômico da cidade, abrigando, além do porto às margens do rio Potengi, uma grande quantidade estabelecimentos comerciais e de serviços, e desfrutando de um intenso e permanente movimento de bens e pessoas. À medida em que a cidade expandiu-se e a atividade econômica movimentou-se e dissipou-se para outros bairros, a Ribeira viu sua importância e centralidade diminuída, como ocorreu em tantos outros bairros centrais de cidades modernas.

Atualmente, o bairro possui, além de alguma atividade comercial e portuária, um grande número de sedes de órgãos públicos, municipais e estaduais. O prédio do Grande Hotel de Natal situa-se na esquina das ruas Tavares de Lira e Duque de Caxias, importante confluência de trânsito no bairro, plenamente visível a qualquer um que por ali transite. Ainda assim, e apesar de sua aparência marcante, ele não pode ser considerado um ponto de referência de grande importância na cidade.

Discutindo sobre a simbologia da cidade em seu livro *“Los significados de la ciudad: Ensayo sobre memoria colectiva y ciudad contemporánea”*, Antonio Ontañón Peredo relata, ao falar das *“Ramblas”* de Barcelona, que *“como estamos acostumbrados a pasar por esta parte de la ciudad hay las cosas en las que no nos fijamos y vamos directos a nuestro destino por el camino más corto”* (2004, p. 11). Atualmente, o prédio do Grande Hotel é apenas mais uma peça no cenário urbano, de pouco ou nulo valor simbólico; pouco mais que obstáculo entre o ponto de origem e o destino para a pessoa que se locomove naquela parte da cidade, como acontece na situação descrita por Ontañón.

Este fato é especialmente inusitado dada a importância dos fatos políticos e sociais que marcaram o período de funcionamento do hotel e o relativamente pequeno intervalo temporal desde sua inauguração (quando comparado, por exemplo, a outros prédios históricos da cidade, como a Fortaleza dos Reis Magos e a igreja do Rosário,

construídos respectivamente nos séculos XVII e XVIII, e amplamente reconhecidos pela população e pela mídia).

Essa situação, ainda que por um lado seja incômoda, por denunciar uma grande lacuna no conhecimento da história da cidade por seus próprios habitantes, por outro apresenta um grande potencial à espera de ser realizado: o Grande Hotel, se devidamente reconhecido pela população poderia tornar-se ao mesmo tempo uma destacada referência espacial, e também um monumento simbólico de décadas de história social, econômica e política local.

Uma das funções da arquitetura, como aponta Kevin Lynch em “A Imagem da Cidade” (1999), é a de produzir, enquanto símbolo visual, a “imageabilidade” de um dado espaço; conceito este que se relaciona diretamente com a memória visual dos cidadãos, e confere aos aspectos materiais de uma área a capacidade de torná-la reconhecível e possibilitar a orientação dos transeuntes durante o deslocamento. Um prédio visualmente marcante e/ou de presença destacada na memória coletiva torna-se, portanto, um ponto de referência, ou até mesmo imagem representativa de uma dada área.

A arquitetura memorável, no entanto, ultrapassa a condição de mero marco visual, e assume o caráter de monumento, de “símbolo urbano”. Os edifícios, de fato, ocupam um lugar-chave na relação grupo-espço-memória coletiva, pois alterações ocorridas nestes “aspectos materiais da cidade” ocasionam uma maior sensibilidade nas pessoas do que, por exemplo, acontecimentos políticos ou religiosos de uma importância maior, mas sem uma referência visual acessível. É também dentro de grupos antigos formados em torno de uma série de imagens espaciais que se dá a maior resistência a forças que pretendem alterar este espaço, onde vivem há anos e onde desenvolveram relações de vizinhança e memória coletiva. (ONTAÑÓN, 2004, p. 73).

Os efeitos práticos do monumento e da memória coletiva a ele associada, no entanto, pode estender-se além desses grupos a ele adjacentes, atingindo repercussão nos habitantes de toda uma cidade, ou mesmo de uma nação. A importância maior da memória reside em sua participação na composição da identidade, individual ou coletiva – identidade, cuja busca “*es una de las actividades fundamentales de los individuos y de la sociedad de hoy, en la fiebre y en la angustia*” (ONTAÑÓN, 2004, p. 79).

Por esta razão, a memória é um constante alvo dos grupos detentores do poder, que lutam pelo domínio da lembrança e da tradição e pela chance de manipular a memória de forma a atender a seus próprios interesses. O “monumento” aparece, então, como forma de afirmar (ou reafirmar) um certo fato, ou uma certa visão sobre os fatos, representados fisicamente na cidade e inserindo-se na “imageabilidade” do local e na vida diária dos cidadãos.

Retornamos, dessa forma, ao Grande Hotel, para demonstrar os elementos com os quais a divulgação da história desse patrimônio poderia fortalecer e agregar elementos identitários ao imaginário da cidade – fato que, ao criar novos atrativos para visitantes, poderia ser bastante proveitoso para uma cidade como Natal, que encontra no turismo uma de suas principais fontes de renda.

O Grande Hotel na história

A cidade de Natal apresentou crescimento populacional, atividade econômica e cultural pouco notáveis em seus primeiros três séculos de existência. Com o início do século XX, novas elites políticas e intelectuais investiram na modernização da cidade. Além da introdução de importantes inovações tecnológicas em transportes, iluminação e comunicações, a cidade passou então por três momentos-chave da intervenção em seu espaço: o plano de expansão ordenada do bairro de Cidade Nova (1901-1904), o Plano Geral de Sistematização (1929) e o Plano Geral de Obras (1935), no qual se inseria o Grande Hotel de Natal.

As iniciativas de modernização de Natal, desde os primeiros anos do século XX, buscavam transformar a cidade em um “Cais da Europa” no Brasil. De fato, a posição geográfica privilegiada da cidade, e o destaque que recebia desde a década de 1920 como pólo da aviação nacional, tornavam-na escala para viajantes das mais variadas origens e destinos. Considerava-se a hotelaria da cidade, no entanto, incapaz de oferecer as devidas condições aos hóspedes.

Desde 1926, incentivos governamentais foram oferecidos para a construção de um hotel de grande porte. A imprensa local trazia repetidos pedidos por tal equipamento. Em 1935, por ocasião da elaboração do Plano Geral de Obras do Escritório Saturnino de Brito e com recursos advindos do próspero ciclo do algodão à época, o governo estadual resolveu tomar a iniciativa e iniciar a construção do Hotel. O terreno escolhido, situado na Ribeira, abrigava um sobrado que fora sede do Partido Republicano e residência de Luís da Câmara Cascudo, historiador e folclorista de renome nacional.

O arquiteto contratado para construir o Grande Hotel de Natal foi o francês Georges Munier, de passagem em Natal a pedido do bispo que o requisera para executar o projeto de uma nova catedral para a cidade. O arquiteto tinha diversos projetos executados no Recife (capital do Estado de Pernambuco), onde estava instalado seu escritório, e em outras cidades do nordeste brasileiro, e sua obra era marcada pela variedade estilística nos diferentes prédios, que iam desde o neo-gótico ao art-deco e à arquitetura “purista”. O projeto realizado por Munier (Figura 1), junto àqueles desenhados pelo escritório FF Saldanha como parte do Plano Geral de Obras, representou a chegada à cidade dos primeiros elementos do modernismo arquitetônico, estilo que na década de 1930 já se consolidava nos maiores centros urbanos do país.

A imprensa local acompanhou entusiasticamente a construção do prédio, iniciada em agosto de 1936 após algumas mudanças no projeto justificadas pelo alto custo de execução do projeto original, relatando e fotografando os passos da construção. A “modernidade” e o “progresso” almejados pela cidade e simbolizados pelo hotel eram citados constantemente, assim como o agradável aspecto arquitetônico da obra.



Figura 1. Perspectiva do Grande Hotel de Natal (projeto original). [FONTE: Acervo do HCURB]

Terminada a sua construção em janeiro de 1939, o Grande Hotel foi entregue ao governo do estado em maio daquele ano, no dia em que a cidade também festejava a conclusão das obras de saneamento. O Grande Hotel destacava-se na cidade por diversos aspectos: era o segundo prédio mais alto da cidade, um dos primeiros construídos com concreto armado, e um dos únicos a possuir elevador. Foi também o segundo prédio com arquitetura de tendências modernas em Natal, posterior apenas ao Edifício Sede da Repartição de Saneamento.

Arrendado a Theodorico Bezerra, pioneiro da hotelaria do Estado e inaugurado em setembro de 1939, o hotel teve boa atividade, inicialmente. Os hóspedes naqueles primeiros anos eram viajantes em escala de percurso, homens de negócios e técnicos de órgãos governamentais instalados na cidade, que ainda tinha deficiência em casas de aluguel. A situação do hotel sofreria uma grande modificação com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, quando um grande contingente de soldados dos Estados Unidos, além de brasileiros, foi deslocado para a base aérea de Parnamirim Field, nas proximidades de Natal. O Grande Hotel passou a abrigar oficiais americanos e brasileiros, e tornou-se um ponto e atração social ao receber artistas estrangeiros que vinham entreter as tropas instaladas na cidade. Personalidades de Hollywood, políticos de alto escalão e militares de alta patente transitavam por seus corredores e assistiam à apresentação de orquestras em seus salões. Ao mesmo tempo, a contínua lotação, o uso constante do bar e do restaurante e a instalação de um salão de jogos trouxeram grandes lucros para o proprietário do hotel.

Theodorico Bezerra utilizou os lucros obtidos durante a Segunda Guerra para expandir sua área de atuação. Tornou-se representante da Pan Air em Natal e fazendeiro no interior do Estado. Seu ingresso na política o fez presidente do PSD no Rio Grande do Norte, e o Grande Hotel transformou-se em uma espécie de “universidade política”, onde os membros do partido se reuniam para realizar planos e alianças, e onde se ensinava as artes da política para os iniciantes.

Na mesma época em que atingia sua maior importância no cenário político, no entanto, o Grande Hotel passava a sofrer os primeiros reveses. A abertura de hotéis na Cidade Alta e a diluição do poder econômico da Ribeira, com o crescimento da cidade, diminuíram a quantidade de hóspedes que se dirigiam ao hotel (Figura 2).



Figura 2. Grande Hotel de Natal, década de 1950. FONTE: [Acervo do HCURB]

Em 1957, uma comitiva de técnicos coordenada pelo arquiteto João Khair veio a Natal, a convite do governador Dinarte Mariz, com o intuito de organizar um plano de “reformas urbanísticas” para a cidade, que substituiria em grande parte o “antiquado” Plano Palumbo. Entre os prédios que fariam parte do plano, um novo hotel para a cidade, que atendesse à demanda de viajantes que passavam pela cidade. Repetia-se, assim, o mesmo discurso que, vinte anos antes, justificara a construção do Grande Hotel.

O ano de 1965 anunciou o começo do fim para o Grande Hotel de Natal. Primeiro, em setembro daquele ano, inaugurava-se o Hotel dos Reis Magos, símbolo de uma nova tendência da hotelaria na cidade: o movimento em direção ao litoral, atendendo ao incentivo ao turismo de sol-e-mar como saída para as dificuldades econômicas do Estado. No mesmo ano, a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº2 minimizou a importância do Grande Hotel enquanto ponto congregador da política estadual. Em 1970, teve fim o prazo da concessão do Grande Hotel. Processos judiciais estenderam o período por mais dezessete anos, nos quais o hotel tentou manter-se em funcionamento adaptando-se aos padrões correntes de hotelaria, e trocando o revestimento original, já desgastado. Todos os esforços não poderiam reverter, no entanto, a decadência do bairro comercial tradicional onde o hotel se encontrava; em 1981 a transferência do terminal rodoviário para fora da Ribeira diminuiu a um mínimo o número de hóspedes do Grande Hotel. Em 1987, Theodorico Bezerra era o único morador do Hotel. Cansado da hotelaria e desapontado com o abandono da Ribeira, aceitou entregar o hotel ao Estado. O fim do Grande Hotel foi noticiado pelos jornais, em artigos que lembravam sua história e mostravam preocupação com o destino do prédio.

Entregue ao governo, o prédio do Grande Hotel tornou-se sede da EMPROTURN (Empresa de Turismo do RN). Planos para transformá-lo em um albergue da juventude foram descartados, e em 1989 foi determinado que o prédio passaria a abrigar o Tribunal de Justiça do Estado. O edifício foi tombado como patrimônio histórico Estadual em 1991, e iniciou o funcionamento como repartição judiciária em 1992, após uma série de reformas e adaptações. Em 2001, o Fórum de Natal teve sua sede própria construída, e o prédio, sofrendo mais reformas, passou a abrigar os Juizados Especiais Cível e Criminal, situação que se mantém atualmente. O antigo Grande Hotel mantém muito de sua arquitetura original, mas diversos aspectos foram alterados, com o fechamento do mezanino, a troca de pisos e a instalação de caixas de ar-condicionado na fachada principal, por exemplo (Figura 3)



Figura 3. Grande Hotel de Natal, outubro de 2005. [FONTE: Acervo do HCURB]

A Restauração Virtual

A restauração virtual, procedimento utilizado neste trabalho, é uma técnica nova, e ainda não foi alvo de discussões generalizadas na comunidade científica, que tenham produzido um conjunto de orientações consensuais para sua execução. De fato, as iniciativas mais conhecidas dentro desse procedimento são exibidas em documentários nos canais *Discovery Channel* e *The History Channel*, que, ao promover visitas virtuais por monumentos da antiguidade, dos quais hoje só restam ruínas e pouco ou nenhum relato documental, têm, naturalmente, mais caráter de entretenimento e curiosidade do que rigor científico, propriamente dito. Pesquisas na Internet apontam outros projetos semelhantes, inclusive projetos acadêmicos, mas não se encontram documentos que discutam a fundo e criticamente os princípios teóricos e metodológicos e a teoria por trás deste procedimento.

Seria, dado seu caráter imaterial, e portanto sua “inofensividade” ao objeto físico do patrimônio, permitido à restauração virtual incluir materiais hipotéticos em seu resultado final? Ou seria tal ato por demais ofensivo à realidade passada para ser aceito como trabalho científico? É com o objetivo de situar este trabalho dentro destes questionamentos, levantados pelo próprio autor durante a execução do trabalho, que foram feitas algumas considerações sobre os procedimentos aqui utilizados, tendo

como base a Carta de Veneza, de 1964³, que trata da restauração patrimonial em seus artigos nono a décimo terceiro.

O artigo nono trata da fundamentação documental da restauração, trabalho que, segundo a carta “termina onde começa a hipótese” (CARTA DE ATENAS, 1987). É natural a preocupação de não se falsear informações, criando uma restauração “mentirosa”. No entanto, a restauração virtual pode ter como principal objetivo (e foi esse o caso da restauração do Grande Hotel de Natal) proporcionar ao usuário a sensação de estar imerso na realidade da obra restaurada. Se seguida à risca a orientação da carta, muitas lacunas serão forçosamente deixadas, quando um patrimônio restaurado não desfrutar de documentação completa e indubitável.

Pode ser preferível, em tais casos, complementar a restauração com base em dados memoriais, relatos escritos, ou mesmo na concepção artística do restaurador, desde que baseado em possibilidades reais de restauração – na ausência de fotografias dos equipamentos de rádio utilizados no hotel, por exemplo, utilizamos referências de rádios típicos produzidos no final década de 1930 para construir nossos modelos. Naturalmente, é necessário que qualquer intervenção desse tipo seja cuidadosamente documentada e apresentada como tal dentro do conjunto do trabalho, para que não haja confusão acerca de quais partes da restauração tem base documental e quais são hipotéticas – na restauração do Hotel, discriminamos individualmente cada uma das intervenções hipotéticas e as justificamos, apontando suas bases teóricas. Na eventualidade de novos dados surgirem, a restauração virtual oferece também a possibilidade de ser facilmente alterada, introduzindo as novas informações e corrigindo erros passados.

O artigo décimo aconselha o uso das técnicas de restauração mais modernas comprovadas pela ciência para recompor monumentos que não possam ser trabalhados com técnicas tradicionais. O prédio do Grande Hotel é, exatamente, um local onde as técnicas tradicionais de restauração não poderiam ser aplicadas, justamente por ainda encontrar-se em uso, com uma função completamente distinta da que tinha antes. A experiência comprobatória da eficácia da restauração virtual ainda é pouca, pois este é ainda um procedimento novo e carente de estudos científicos metodológicos, como foi anteriormente mencionado.

O artigo décimo primeiro da carta trata de alterações feitas em períodos distintos, e superpostas, e aconselha que todas sejam mantidas, por representar seu próprio tempo, com exceção daquelas que tenham muito pouco ou nenhum valor histórico. Um trabalho de restauração virtual, se tiver como objetivo retroceder a um determinado tempo (como foi o caso da restauração do Hotel), poderia ignorar essa orientação, mantendo apenas as características anteriores ao tempo ao qual se refere (em nossa restauração, mantivemos as dependências de serviço, construídas pouco após a inauguração do Hotel, mas não as caixas de ar-condicionado, adicionadas na década de 1990, por exemplo).

³ Foi escolhida a Carta de Veneza para trabalhar os conceitos por trás da restauração, por ser esta unanimemente citada entre as cartas patrimoniais, e por possuir um trecho (quatro artigos) voltado para restauração arquitetônica, aqui transcrito e comentado.

O artigo décimo segundo diz que qualquer intervenção que substitua partes faltantes deve integrar-se harmoniosamente, mas ainda distinguir-se do monumento original, para evitar falseamento. Assim como comentamos sobre o artigo nono, a restauração virtual pode preterir o rigor documental em favor da completude da imagem criada; ainda assim, um certo destaque visual (ie. uma coloração diferente) poderia ser adicionada a elementos hipotéticos ou substitutivos, destaque que poderia ser ativado ou desativado. Dessa forma, a cena ficaria completa e realista, e a distinção entre documento e hipótese poderia ser feita, quando desejado.

O artigo décimo terceiro da carta, último dedicado especificamente à restauração, diz que acréscimos só poderão ser tolerados quando respeitarem a ambiência original e sua relação com o meio circundante. Não se espera, no entanto, que seja necessário realizar qualquer acréscimo a uma restauração virtual: a intenção é apenas recompor uma imagem passada, e não há restrições físicas ou estruturais que forcem intervenções em outro sentido. Tendo em mente a discussão aqui exposta, apresentamos a seguir uma breve retrospectiva do trabalho de restauração virtual realizado no Grande Hotel de Natal.

Restaurando o Grande Hotel

O procedimento de restauração iniciou-se com o levantamento arquitetônico do prédio existente. Como as plantas originais estavam indisponíveis e não havia plantas digitais, foi necessário refazer as medições da arquitetura, utilizando-se de plantas fotocopiadas como guia. Pôde-se perceber no hotel a presença de dois módulos básicos: os módulos das extremidades, de forma retangular e os módulos centrais, com dois lados concorrentes, que criam uma forma curva característica.

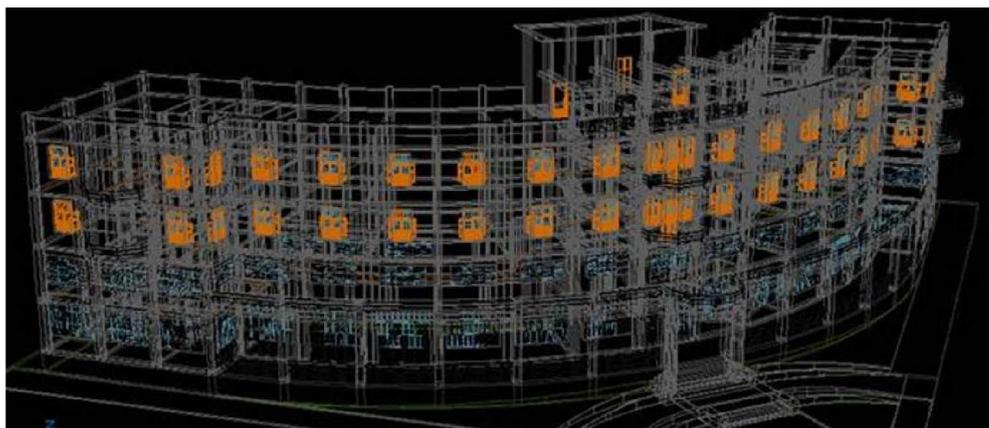


Figura 4. Prédio modelado em AutoCAD

As esquadrias do hotel, em numerosos modelos foram, em sua maioria, preservadas em seu aspecto original, o que permitiu seu levantamento *in loco*. A maior parte da

mobília original (vários dos quais apresentam e pôde ser levantada a partir de exemplares transportados para a fazenda de Theodorico Bezerra, após a desativação do hotel, e hoje conservados por seu filho, Kleber de Carvalho Bezerra.

O resultado do levantamento foi transformado em modelos tridimensionais através de modelagem no programa AutoCAD. Todos os modelos usados foram produzidos exclusivamente para este trabalho. O modelo do prédio, com a mobília já posicionada, foi importada do AutoCAD para o 3D Studio MAX, onde os objetos receberam os respectivos materiais. A animação da visita virtual foi feita utilizando-se o método de *keyframe*, e posteriormente renderizada, totalizando 25.000 quadros de animação. Utilizou-se apenas iluminação ambiente, de forma a viabilizar a renderização a uma boa resolução e dentro de um período de tempo razoável.



Figura 5. A fachada principal do Grande Hotel, renderizada no 3D Studio MAX

A visita virtual ao Grande Hotel foi organizada dentro do programa Microsoft PowerPoint. As animações foram renderizadas na forma de 46 cliques separados. A navegação ocorre a partir de um menu abaixo da tela de cliques; cada seleção feita no menu inicia a reprodução de um clipe que leva a uma nova tela com opções de movimento, possibilitando uma visita interativa a cada um dos cômodos mais relevantes do hotel (salões, restaurante, cozinha, banheiros, cada tipo de quarto, barbearia, terraços, etc.). Uma visita completa leva cerca de quinze minutos.



Figura 6. Vista da visita virtual, com menu de seleção.

Considerações Finais

O Grande Hotel, construído e inaugurado sob os olhares atentos de toda a cidade, é um dos símbolos mais fortes – e, surpreendentemente, menos conhecidos – de um tempo passado da cidade, de um pensamento que a projetava como um grande centro nacional no futuro, de um ideário que via no progresso e na modernidade a saída para todos os problemas urbanos, para todos os problemas humanos. É exemplar de uma arquitetura que começava a distanciar-se de séculos de tradição, e é um dos pioneiros prédios a assumir essa postura na cidade de Natal. É uma lembrança de uma época em que valor da cidade de Natal era visto não apenas nas praias e nas dunas, mas sobretudo nos céus, cruzados pelos pioneiros aviadores, e nas águas do Potengi, sobre as quais trafegavam mercadorias e gentes de todos os cantos do mundo. É a antiga casa onde se decidia o futuro político do Estado, talvez tão importante quanto câmaras, assembléias e palácios do governo.

Grande Hotel, que, vítima dos movimentos políticos e econômicos, e sem dúvida da decadência do bairro da Ribeira, passou de cartão postal da cidade a nota de rodapé da história. Um patrimônio histórico estadual – ao menos no papel – que no entanto vem sofrendo sucessivas reformas ao longo dos anos. É compreensível que o órgão público atualmente instalado no hotel necessite de melhores condições de funcionamento, mas não se pode aceitar que sejam conseguidas em detrimento do patrimônio.

Uma mudança no uso do prédio, seja através de um retorno à hospedagem (como a proposta para albergue, já apresentada), ou para um equipamento cultural fortemente conectado à história que o prédio simboliza (abrigo museus da Segunda Guerra e da história política do estado, poder-se-ia sugerir) poderia ser de grande valia para a divulgação e valorização do Hotel, mantendo ainda seu uso continuado (e, portanto, sua manutenção), sem que novas alterações ocorressem, distanciando ainda mais a sua arquitetura do estado original.

A Restauração Virtual se insere, assim, como uma forma de mostrar o potencial e a importância do patrimônio, e de suscitar a discussão acerca de seu uso. Mesmo sem ter sido ainda veiculada na mídia em geral – os contatos já foram feitos, e uma exposição na mídia televisiva e impressa deve acontecer em breve – a visita interativa gerou respostas extremamente positivas quando apresentada dentro da academia e para personalidades da política local. O aumento desse interesse pode trazer ao Grande Hotel um lugar de maior destaque nas futuras intervenções no bairro da Ribeira, e concretizar por fim as propostas para sua mudança de uso.



Figura 7. Vistas da Restauração Virtual

Por outro lado, abrimos com esse trabalho uma linha de discussão científica que inexistia a nível local, ao mesmo tempo estimulando outras restaurações do tipo e o aprofundamento da reflexão sobre o potencial e os limites dessa ferramenta⁴.

Agradecimentos

A Kleber de Carvalho Bezerra, pela receptividade e grande quantidade de informações e material disponibilizado durante a pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que apóia, com fornecimento de bolsa, o autor Hélio T. M. de Farias, e com o financiamento de projetos, o HCURB.

Bibliografia Referenciada

LYNCH, K. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (1960).

ONTAÑÓN, Antonio Peredo. **Los significados de la ciudad**: Ensayo sobre memória colectiva y ciudad contemporânea. Barcelona: Edicions de l'Escola Massana, 2004.

CARTA DE ATENAS. In: Revista do IPHAN, 1987.

⁴ A participação em comunidades informais de Restauração Virtual, como a Virtual Heritage Network (www.virtualheritage.net) é uma forma de trocar informações nesse sentido.